

PEREIRA, Daniela A. **A ação que esculpe o homem e o mundo - Um encontro entre Joseph Beuys e Dalai Lama**. Campinas: Unicamp, Debate Aberto de Grupo de Pesquisa. Coordenação: Cassiano Sydow Quilici: II Seminário de Pesquisas do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena, CAMPINAS, Unicamp, 2014.

RESUMO

O texto abaixo foi apresentado no II Seminário de Pesquisa do PPG Artes da Cena, Unicamp. Apresenta as ações do artista alemão Joseph Beuys como um elemento para discutir uma possível crise da noção de ação no teatro contemporâneo. Para tanto, retomamos aqui algumas colocações sobre um encontro realizado entre Joseph Beuys e (vossa santidade) o XIV Dalai Lama, em 1982, em Bonn, Alemanha, e organizado pela escritora e artista holandesa Lowrien Wijers.

Palavras-chave: teatro contemporâneo, performance, ação.

ABSTRACT

The following text was presented at the II Seminário de Pesquisa do PPG Artes da Cena, Unicamp. Presents the actions of the German artist Joseph Beuys as an element to discuss a possible crisis on the concept of action in contemporary theater. To do so, it will be revisited some points about the meeting between Joseph Beuys and (your holiness) the XIV Dalai Lama in 1982 in Bonn, Germany, and organized by the Dutch writer and artist Lowrien Wijers.

Keywords: contemporary theater, performance, action.

Essas ações tem de ser ações exemplares, ações que tocam nos arquétipos mais fundos dos seres humanos. Ações que mobilizam energias de vontade, que implicam sensibilidade (Joseph Beuys).

Em sintonia com pensamentos que discutem que o processo de criação não se configura só no espetáculo mas acontece em torno dele, a proposta aqui apresentada pretende refletir sobre ações que encaixam-se fora das convenções teatrais e sobre as várias possibilidades de configurações de um processo criativo. O percurso do “artista” alemão Joseph Beuys ressalta-se pela tentativa de encontrar na “arte” não uma tentativa de estilo mas, acima de tudo, um modo de ser. Segundo Beuys, a criatividade do homem não deve estar circunscrita apenas à arte, mas incluir outras (e todas) as disciplinas, principalmente, a política. Seu processo criativo resulta de um total

entrelaçamento entre arte-vida e como ponto fundamental de sua prática aparece o “próprio homem e sua liberdade”.

Dentre muitas características dessa tentativa de conceber a política como um processo criativo-artístico do homem, Beuys, em suas realizações, evoca uma tentativa de mudança da condição social feita também à base de transformações espirituais. Ele acreditava que tais transformações se revelariam a partir do espírito (matéria) antes de encontrarem uma “forma”, da mesma maneira Beuys buscava elementos (em sua maioria orgânicos) maleáveis com capacidade de transformações (o mel, a gordura) para confecção de seus objetos. Podemos somar a isso a grande importância que ele dará a palavras como intuição, energia e criatividade. Estamos tratando de um tipo de arte que evoca forças indeterminadas (míticas e ancestrais) que desafia todo um processo civilizatório disciplinador e deseja um lugar que consciência de si ligada à uma ordem espiritual. Com isso podemos tentar uma leitura mais metafísica de uma de suas frases mais famosas “*Jeder Mensch ist ein Künstler*”, uma vez que, cada homem é dotado de intuição e criatividade, todos são capazes de produzir formas e consequentemente são artistas.

É a partir de 1960 que Beuys passa a concretizar seus ideais de vida e arte através das ações. Ele pretendia levar a arte em uma direção que restituísse ao homem a capacidade criativa da transformação, concretizar a possibilidade de transformar o processo criativo do pensamento em uma ferramenta de diálogo com o outro. A produção de objetos e desenhos dava lugar à realização de experimentos e a partir de sua concepção ampliada de arte, Beuys empreende suas ações poéticas como um fenômeno, em fluxo constante, que pretende atingir e acionar uma dimensão pública da arte.

Dito isso podemos criar uma ponte entre as investigações propostas por Joseph Beuys e a discussão do processo criativo “como um processo de transformação do próprio artista e seus desdobramentos em estratégias de intervenção no mundo público” articulado com o diálogo intercultural (especialmente com o Oriente e com a área de *Buddhist Studies*) proposto por este grupo de pesquisa. Para tanto, retomamos aqui algumas colocações sobre um encontro realizado entre Joseph Beuys e (vossa santidade) o XIV Dalai Lama, em 1982, em Bonn, Alemanha, e organizado pela

escritora e artista holandesa Lowrien Wijers. Na ocasião poucas pessoas estiveram presentes e entre eles estava o artista do movimento *Fluxus*, Robert Filliou.

Em 1980, Lowrien Wijers publicou uma série de entrevistas realizadas com Joseph Beuys. Nas entrevistas eles tratavam sobre temas que abarcavam a concepção ampliada de arte proposta por Beuys, que incluía uma revolução total de conceitos sociais, econômicos e ambientais (influenciados não só pelo romantismo alemão mas também pela antroposofia de Rudolf Steiner). A revisão desses conceitos incluía a incorporação de nossa “vida espiritual” em todas as atividades desenvolvidas pelo homem. Na mesma época Wijers leu a autobiografia do XIV Dalai Lama *My Land and My People* e, segundo a escritora, os princípios da escultura-social presentes no discurso de Beuys apresentavam pontos de semelhança com as discussões levantadas por Dalai Lama. A intenção era que o encontro acontecesse como parte dos trabalhos de Joseph Beuys feitos para a VII Documenta de Kassel em junho de 1982, entretanto ele foi realizado apenas em agosto do mesmo ano.

A conversa não foi aberta ao público e parece ter girado em torno de dois assuntos principais como a ocupação chinesa no Tibet e uma possível *Aktion* beuysiana concebida a partir do conceito de escultura-social a ser realizada na China. Beuys sugeriu a Dalai Lama a criação de uma “economia espiritual”, segundo ele a integração entre a economia ocidental e o desenvolvimento espiritual oriental seriam a chave para vencer o materialismo econômico que se instaurava com o capitalismo. No entanto, terminado o encontro Dalai Lama seguiu para cumprir todos os seus compromissos e Beuys agiu da mesma maneira.

O diálogo não gerou estratégias ou encaminhamentos imediatos e alguns dos presentes chegaram a afirmar uma certa “frustração” maior no artista alemão do que no líder budista. Entretanto, em 1990, em Amsterdam, Holanda, a escritora realizou o encontro *Art Meets Science and Spirituality in a Changing Economy*, fruto das conversas Beuys-Lama e os que estavam presentes em 1982. Artistas, cientistas, líderes religiosos e economistas (Robert Rauschenberg, Dalai Lama, David Bohm, Francisco Varela, Mother Tessa Bielecki, Rupert Sheldrake, Sogyal Rinpoche, Lawrence Weine, Marina Abramovic, Fritjof Capra, Raimon Panikkar, Ilya Prigogine, John Cage, Huston Smith) foram convidados para debater questões articulando e

convergindo os campos de conhecimento. Joseph Beuys, Robert Filliou e Andy Warhol participaram intensamente da estruturação da conferência mas morreram antes que ela acontecesse.

Uma das questões apresentadas por Beuys em seus trabalhos e que parece ser pertinente ressaltarmos aqui, diante do contexto do encontro, é a sua tentativa de borrar a fronteira imaginária surgida entre Oriente e Ocidente, mais especificamente entre a Europa e Ásia. Para o artista as unidades geográficas Europa e Ásia compreendem um único território denominado “Eurásia”, pois as raízes culturais e históricas de ambos pertencem a esse mesmo território ancestral e mitológico. Enquanto planejavam o encontro, Beuys chegou a afirmar para Wijers que “com Dalai Lama nós poderemos conceber/concretizar a Eurásia”.

Eurásia é uma espécie de lugar mítico para o artista, “uma zona de grandes migrações humanas e animais”, a reunião dos blocos europeus e asiáticos onde se pode transitar com liberdade e que é dotado de grande força espiritual. Podemos lembrar o contexto histórico vivenciado por Beuys apresentava, não só o mundo mas, a Alemanha dividida. Seu processo criativo que tinha como foco central o próprio homem e sua liberdade dependia da “troca de energias” entre as pessoas e isso seria conseguido a partir de um entendimento do termo “espiritualidade” que, segundo ele, era mais desenvolvido pelas culturas orientais. A divisão dizia respeito a uma separação entre espírito e matéria e também a crise de identidade alemã do pós-guerra assim como a divisão política e religiosa entre Leste e Oeste. A reconquista desse território seria uma das chaves para nos religarmos espiritualmente uns aos outros e reencontrarmos nossas “intuições desaparecidas”.

A ideia de espiritualidade presente no discurso beuysiano também tinha uma intenção política muito forte e até mesmo econômica. Para ele, o entendimento oriental sobre espiritualidade (considerando a tradição como um dos pilares desse entendimento) deveria ajudar o homem a entender e resolver os problemas do mundo, e uma integração entre as ideias de economia e espiritualidade traria ao homem uma convivência mais pacífica e mais intensa. Ele não reduzia seu discurso a um “ocidente materialista” e “um oriente espiritualizado”, mas sublinhava tais características para

refletir sobre a necessidade de uma nova orientação política. E a arte era o que carregava a solução desse problema.

A arte aparece então como esse lugar possível para transformar, mudar, indicar, moldar, esculpir, por meio da intuição, da energia, da criatividade, da solidariedade e da nossa maneira de conceber a política que, como um procedimento criativo, coloca no centro de sua prática o homem e consequentemente sua liberdade. Ressalto que não é uma transformação da arte em política mas, exatamente o contrário, a transformação da política em arte. Foi isso que o levou a fazer estudos e experimentos sobre o homem, sobre como dialogar com o homem e o fez realizar suas *Aktionen*. A proposição apresentada pretende, então, propor ao debate que a partir dessa intenção, de uma ação exercida conscientemente e que paradoxalmente se liga a uma intuição sem forma sobre algo, criada a partir de relações com o outro, que poderá nascer um impulso capaz de reestruturar uma nova qualidade de “ação”.

Referências Bibliográficas

JOSEPH BEUYS: a revolução somos nós (2010-2011). Direção e curadoria geral de Solange Oliveira Farkas; curador convidado Antonio d’Avossa; realização SESC. Administração Regional no Estado de São Paulo e Associação Cultural Videobrasil. São Paulo: Edições SESC SP, 2010.

FILLIOU, Robert. **Teaching and Learning as Performing Arts.** Cologne: Verlag Gebr. König, 1970.

THOMPSON, Chris. **Felt: Fluxus, Joseph Beuys, and the Dalai Lama.** Minneapolis, University of Minnesota Press, 2011.